

Apresentação

Em 31 de agosto de 2019, na cidade de São Paulo, foi realizada a Jornada “O espanhol e as outras línguas na produção de conhecimento e no ensino superior”, promovida pela Associação Brasileira de Hispanistas como parte da edição 2019 do ciclo “Hispanismos em Debate”. Essa Jornada, cuja filmagem está disponível em <https://www.hispanistas.org.br/congressos-e-jornadas/jornadas/>, foi realizada em parceria com a Comissão organizadora do IV Congresso Latino-Americano de Glotopolítica¹ e precedeu as atividades desse evento internacional que aconteceu na cidade de São Paulo, no mês de setembro do ano passado. Em razão do interesse que o tema comporta, decidimos vincular o dossiê deste número da revista *abehache* à reflexão levada adiante naquela Jornada, abrindo seu escopo às relações do espanhol com outras línguas no campo das práticas literárias e de tradução.

Centrada na relação do espanhol com outras línguas no ensino superior, a Jornada reuniu especialistas brasileiros e do âmbito internacional em duas mesas de debate. A primeira, “Línguas e avaliação na produção de conhecimento”, contou com a participação de Rainer Enrique Hamel (UAM, México), de Abel Packer, presidente da SciELO (Scientific Electronic Library Online) e de André Frazão Helene (Instituto de Biologia/USP). Com o intuito de instigar o leitor a assistir as exposições realizadas pelos participantes da mesa bem como o debate posterior, pinçamos a seguir alguns dos aspectos abordados.

Hamel enfatizou, mais uma vez, o caráter agressivo do monolinguismo vigente pelo fato de implicar o risco do pensamento único e reiterou a necessidade de produzir, na América Latina, ações que permitam implementar um quadro plurilíngue de políticas linguísticas nas CES (Ciência e Educação Superior). Esse quadro consistiria em fortalecer o português e o espanhol, sem desconsiderar as línguas indígenas, e também em reforçar as competências num inglês acadêmico para não consolidar uma relação de subalternidade com relação a essa língua. Entre esses dois polos se instalaria uma zona plurilíngue, promovendo o uso de outras línguas. Packer, por sua parte, apresentou os objetivos perseguidos pela criação da SciELO,

¹ A comissão foi integrada por docentes, alunos de pós-graduação da USP, do IFSP e da UNIFESP. Cabe destacar que a jornada recebeu apoio da APEESP e do Sindicato Sindicado de Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

dentre os quais destacou a necessidade de inserir a produção científica do Brasil e da América Latina no fluxo global de informação científica. Como tal fluxo deveria estar caracterizado por ser inclusivo é preciso que considere todas as áreas temáticas e geográficas e que seja multilíngue. Nesse sentido, apresentou quadros de 2019 que mostram a tendência na América hispano-falante de continuar publicando em espanhol, enquanto no Brasil aumenta a produção em inglês como fruto das políticas que o empurram a buscar o fator de impacto e atingir a citação, dando vazão à produção nacional. Por fim, falou da batalha do multilinguismo: de quão difícil e caro é manter essa prática na SciELO. O professor Helene, do IB da Universidade de São Paulo, por último, falou sobre os desafios de aumentar a colaboração internacional na produção científica, enfatizou a importância do português para os alunos em formação e trouxe a problemática concreta do Programa de Pós-Graduação de sua unidade, no qual há um 15% de alunos estrangeiros, sendo o 40% da América Latina. Ressaltou, nesse sentido, a necessidade do espanhol, afirmando que nesse caso a língua “não pode ser o inglês”, e elencou uma série de investimentos que se fazem necessários para uma aproximação dos parceiros latino-americanos. A fala dos três expositores, feita a partir de experiências e lugares diversos, contribuiu a mapear a complexidade da situação, trazendo especificidades que são desatendidas pelo processo que naturaliza o inglês como a língua universal da ciência no campo das CES.

A segunda mesa, “Relações entre línguas no espaço latino-americano”, foi composta por Sabine Gorovitz, professora da UnB e por Hedy Penner, da Universidad Nacional de Asunción, Paraguai. Os textos apresentados pelas pesquisadoras naquela ocasião abrem as páginas deste dossiê: o primeiro deles – “Políticas linguísticas em prol da integração regional acadêmica latino-americana” – é de Sabine Gorovitz em coautoria com Ángela Erazo Munoz e Paula Clarice Santos Grazziotin de Jesus. A reflexão aborda uma questão crucial: a necessidade de políticas linguísticas capazes de abrir espaço às línguas de veiculação do conhecimento global, porém não em detrimento dos idiomas locais, que precisam ser respeitados e valorizados. À análise cuidadosa de vários parâmetros do contexto regional as autoras acrescentam considerações conclusivas e propositivas, todas elas relevantes para a temática. O segundo artigo, de autoria de Hedy Penner, intitula-se “El guaraní en la educación superior a la luz de las tesis de grado de la licenciatura en lengua guaraní”. Após apresentar a complexidade e as contradições que atravessam o processo de cooficialização do guarani no

plano da educação do Paraguai, a pesquisadora se concentra no nível superior e na análise do uso escrito dessa língua no âmbito acadêmico; para tanto, se debruça sobre um recorte de 132 trabalhos monográficos (“tesinas”) apresentados como exigência para concluir a graduação no professorado em língua guarani. A partir das contradições encontradas, as conclusões instalam uma série de interrogações que giram ao redor da questão do processo normalizador dessa língua.

Aos artigos presentes no dossiê acrescentamos duas entrevistas a especialistas que abordam aspectos considerados na convocatória da *abehache*. Trata-se de dois pesquisadores de reconhecida experiência no campo dos estudos da linguagem, com posturas que interpretam seu funcionamento em clara relação com a dimensão da exterioridade: o poder, a história, o social, o político. Ambos, aliás, estão fortemente vinculados à criação e à trajetória do Congresso Latino-Americano de Glotopolítica: José del Valle (CUNY) e Elvira Narvaja de Arnoux (UBA). José del Valle, forte defensor de uma linguística crítica, responde a uma série de perguntas que se relacionam com esse posicionamento, com aspectos da política panhispânica, com o lugar do espanhol na produção e circulação de conhecimento nas instituições universitárias norte-americanas e, ainda, com os vínculos que essa perspectiva crítica estabelece com os estudos literários. No caso da segunda entrevistada, Elvira Arnoux, as interrogações indagam sobre alguns dos objetos que, a partir de uma perspectiva glotopolítica, a pesquisadora foi delimitando ao longo de sua trajetória. Assim, com base na reflexão sustentada numa série de experiências e de intervenções particulares, Arnoux aborda a questão das línguas na produção de conhecimento e na educação superior, aspectos do discurso político e, ainda, o avanço do que se conhece como “leitura fácil”, prática que vincula aos atuais modos de regulação da discursividade e de controle do trabalho de leitura e escrita.

Acreditamos que tanto os artigos como as entrevistas que compõem o dossiê abordam a dimensão política das relações do espanhol com as outras línguas na produção do conhecimento, sinalizando o questionamento das hegemonias linguísticas e das hierarquias culturais, disciplinares e institucionais que as diversas práticas discursivas comportam. Além disso, as entrevistas trazem considerações sobre outros aspectos relevantes para conhecer o contexto neoliberal e o processo discursivo que faz do inglês a língua da ciência.

Em diálogo com o tema do dossiê, na *Vária* apresentamos dois artigos que refletem sobre a situação atual do ensino de espanhol em instituições de ensino médio do Brasil, sobretudo, a partir da revogação da Lei do espanhol 11.161/2005. Um deles analisa a situação do ensino do espanhol na rede federal em razão da implementação da nova Lei do Ensino Médio e da presença que essa lei atribui às línguas estrangeiras na grade curricular. A análise do caso particular do Campus São Paulo do IFSP abre um interessante espectro de sentidos produzidos em torno da oferta do espanhol na rede pública de ensino. Nessa linha de indagações, o segundo artigo debruça-se sobre o protagonismo da Associação de Professores de Espanhol no Estado da Paraíba (APEEPB) no debate pela manutenção e consolidação da oferta do ensino de espanhol e na formulação da Lei estadual 11.191/2018, que dispõe sobre a permanência da oferta do espanhol nos currículos do ensino médio.

Esta edição da revista oferece ainda dois artigos que se debruçam sobre a produção literária contemporânea da América Latina. O artigo “Poéticas gauchescas, políticas gauchas en el siglo XXI” indaga sobre os modos em que textualidades contemporâneas retornam ao gênero gauchesco e refuncionalizam seus motivos e símbolos. Títulos de Gabriela Cabezón Cámara, Pablo Katchadjian e Oscar Fariña são objeto de uma leitura crítica que indaga sobre a relação entre literatura, gênero e Estado. Já o artigo “Escritura y errancia en *Cómo viajar sin ver (Latinoamérica en tránsito)*, de Andrés Neuman” aborda a singularidade de formas literárias contemporâneas que assumem o deslocamento não apenas como registro de uma experiência globalizada do mundo que desestabiliza os pertencimentos territoriais e identitários, mas também como matriz experimental de modos narrativos marcados pelo hibridismo discursivo. Por último, o texto “Canudos – Tomochic: escritas de sublevação e resistência na América Latina” encerra esse número da *abehache* com uma instigante revisão da produção historiográfica e literária que se debruçou sobre eventos emblemáticos do final do século XIX: os massacres de Canudos, no Brasil, e de Tomochic, no México. Para além dos pontos em comum desses acontecimentos, é interessante sinalizar a abundante produção discursiva que retorna, uma e outra vez, com a insistência do trauma, sobre a significação desses eventos históricos.

María Teresa Celada

Ana Cecilia Olmos